

O Caçador e o Crocodilo

Benjamim Pinto Bull

A *storia*, é como se designa na Guiné-Bissau, constitui um todo, mas esse todo é formado por partes “constitutivas”. Assim, podemos distinguir as partes fundamentais que são as diversas funções das personagens — “a única função cuja presença é obrigatória nos contos é o dano ou a falta”¹; é preciso, além disso, considerarmos os elementos de ligação e as motivações, não esquecendo o lugar importante que ocupam na *storia* as maneiras da entrada em cena das principais personagens, bem como de elementos ou acessórios atributivos. V. Propp afirma que “as cinco categorias [do conto] determinam não somente a estrutura do conto, mas o próprio conto no seu conjunto”².

Para ilustrarmos essas asserções, propomo-nos estudar a seguir a *storia* *O Caçador e o crocodilo*, que analisaremos pormenorizadamente, antes de formularmos, resumidamente, algumas considerações sobre as estruturas da *storia* e sobre o carácter e o papel da lebre no conto guineense. Como conclusão apresentaremos o narrador da *storia* com as qualificações que dele exige o seu auditório.

1. O caçador e o crocodilo

Um caçador foi à caça; deparou-se com um crocodilo que também estava à espera de uma vítima. Quis o caçador matá-lo, porém, o crocodilo suplicou-lhe para lhe não tirar a vida, dizendo:

— Vim cá simplesmente à procura de qualquer coisa para matar a fome. Não encontro o caminho de regresso. Leva-me, por favor, até à margem do rio.

Respondeu-lhe o caçador:

— Em bem queria levar-te, porém, receio que me comas.

O crocodilo jurou que não havia de forma alguma comer o seu eventual benfeitor.

Propôs-lhe então o caçador:

— A não ser que te amarre a boca.

Atalhou o outro:

— Amarra-me a boca.



O caçador amarrou-lhe a boca com uma corda, em seguida, ligou-lhe todo o corpo a um pau, e levou-o às costas até à margem do rio. Chegados ao destino, o caçador quis pô-lo no chão, mas o crocodilo pediu-lhe:

— Leva-me mais para longe.

O caçador entrou na água até aos joelhos... Suplicou-lhe de novo o crocodilo:

— Leva-me ainda um pouco mais longe.

O caçador aceitou. Disse-lhe então o crocodilo:

— Desamarra-me a boca, caso contrário nada poderei comer.

Assim que o caçador lhe desamarrou a boca, o crocodilo disse-lhe:

— Prestaste-me, é certo, um serviço, mas agora tenho de te comer, única e exclusivamente para respeitar a nossa tradição: os meus pais, os meus avós comiam todos os homens quantos encontravam à sua frente³.

Foi a vez de o caçador pedir com insistência para não ser comido. O crocodilo rejeitou categoricamente tal pedido. O caçador fez-lhe então a seguinte proposta:

— Estou inteiramente de acordo que me comas, mas proponho que previamente peçamos o parecer de três transeuntes.

Um cavalo muito velho foi o primeiro a passar por lá. Cada um lhe contou a aventura a seu modo. Escutou com muita atenção as duas versões, depois dirigiu-se para a crocodilo:

— Come-o, como é vosso hábito. O homem é muito ingrato; quando eu era novo, com todo o vigor, cuidava bem de mim. Agora faz de conta que não existo.

Apareceu seguidamente uma velha; ela ouviu também as duas versões da mesma aventura, e disse logo ao crocodilo:

— Come-o; os homens são todos ingratos. Quando jovem e bela, o meu marido jurou-me que só havia de me amar a mim. Agora casou com raparigas novas, e nem sequer olha para mim. Come-o, segundo as vossas tradições.

O caçador estava desesperado, não vislumbrando nenhuma solução favorável à sua situação. Chegou a lebre; cada um lhe expôs a aventura a seu modo.

— Estão muito longe, disse-lhes a lebre; já estou velha e oiço muito mal. Vinde, pois, aqui, à margem, para que vos oiça melhor.

Ambos saíram da água, e chegaram perto da lebre a quem, de novo, contaram tudo. A lebre tomou então a palavra:

— Custa-me acreditar que este homenzinho pôde carregar um gigante como tu. Para dar o meu parecer, é preciso eu ver com os meus olhos tudo quanto estais a contar-me. Portanto, regressai à floresta; que o caçador te amarre de novo e te traga depois até aqui.

O crocodilo e o caçador concordaram. Chegaram à floresta, seguindo sempre a lebre que, então, disse ao caçador para amarrear melhor o crocodilo. Depois perguntou-lhe:

— A vossa casta come ou não come crocodilo?

— Claro que comemos, respondeu o caçador.

A lebre sentenciou imediatamente:

— Salvaste-lhe a vida, e ele quis comer-te; agora, leva-o para casa, e comei-o em família tu, a tua mulher e os teus filhos.

Logo no início da *storia*, aparecem os dois antagonistas, o caçador, herói principal, e o crocodilo, personagem secundária. O objectivo em vista, definido imediatamente, é, para o primeiro, a caça, e, para o segundo, uma vítima ou uma presa. Ambos têm necessidade de alguma coisa. Nota-se o limite de acção do herói principal, o caçador: com um simples tiro, podia matar o crocodilo, e terminaria a sua *storia*. Nada disso. Há o começo de um processo narrativo.

Logo no início da *storia*, aparecem os dois antagonistas, o caçador, herói principal, e o crocodilo, personagem secundária. O objectivo em vista, definido imediatamente, é, para o primeiro, a caça, e, para o segundo, uma vítima ou uma presa. Ambos têm necessidade de alguma coisa. Nota-se o limite de acção do herói principal, o caçador: com um simples tiro, podia matar o crocodilo, e terminaria a sua *storia*. Nada disso. Há o começo de um processo narrativo.

Logo no início da *storia*, aparecem os dois antagonistas, o caçador, herói principal, e o crocodilo, personagem secundária. O objectivo em vista, definido imediatamente, é, para o primeiro, a caça, e, para o segundo, uma vítima ou uma presa. Ambos têm necessidade de alguma coisa. Nota-se o limite de acção do herói principal, o caçador: com um simples tiro, podia matar o crocodilo, e terminaria a sua *storia*. Nada disso. Há o começo de um processo narrativo.

Processo narrativo

Cinco sequências compõem este processo narrativo. A primeira regista-se quando se instaura o diálogo entre o herói principal e a segunda personagem. Há um duplo pedido de clemência, da parte da vítima potencial: *Não me mates; leva-me até à margem do rio*.

O enredo começa a partir do momento em que o herói principal concorda com o pedido da personagem secundária, tomando, é claro, todas as precauções necessárias — tarefa difícil para o herói — antes de a transportar até ao rio.

Nova sequência, cujo prelúdio é um outro pedido da segunda personagem, que será reiterada com maior insistência: *leva-me para mais longe, dentro da água*.

A água é a esfera de acção do falso herói⁴, em ocorrência, o crocodilo, que se torna agora o agressor. Tenta convencer o herói principal: *Desamarra-me a boca*.

Terceira sequência: tentativa de agressão do crocodilo (*o delito em perspectiva*); reacção do caçador que, por sua vez, formula um pedido: se está inteiramente resignado, deseja, todavia, que previamente sejam ouvidas três testemunhas. A audição das testemunhas constitui a quarta sequência: as duas primeiras — o cavalo e a velhinha — são hostis ao herói principal e incitam, portanto, o agressor ao delito. Perante isso, o herói principal, desesperado, *nada pode fazer*, porque, como escreve V. Propp, “*é preciso que o narrador ponha o herói ou a vítima numa certa situação de impotência*”⁵.

Só o último transeunte, a lebre — pela sua astúcia — provoca o regresso do herói principal e do agressor ao ponto de partida, o que se dá sem dificuldade. Este regresso, segundo V. Propp, significa já um “*domínio do espaço*”⁶.

Última sequência: a pedido da terceira testemunha — a lebre — o herói principal amarra de novo e bem o agressor e leva-o para a casa para o comer, na companhia de toda a família. Citemos uma vez mais V. Propp: “*A função terminal em qualquer conto pode ser a recompensa, a tomada do objecto que se procura ou, de uma maneira geral, a reparação do delito, o socorro e a salvação na perseguição*”⁷.

No caso presente, a reparação da maldade, ou mais exactamente da ingratidão.

Características da *storia* guineense

Salientemos que há dois traços essenciais na *storia* guineense. Em primeiro lugar, e antes de mais nada, é uma arte oral, e, como tal, sujeita às técnicas de expressão da *oratura* ou da *oralitura*, como escreve L-

F. Prudent, entre vários outros especialistas da matéria. Esta arte oral pode definir-se como sendo “o domínio e o uso eficiente e produtivo da palavra”⁸.

Por outro lado, é uma literatura oral que, segundo o próprio P. Nda, “depende ao mesmo tempo de todos os géneros literários: narração, teatro, poesia, epopeia, etc., e precisa, para se exprimir, da presença ou melhor da participação de um auditório”⁹.

Em princípio, a *storia* deve ser ouvida e não lida. Se é verdade que *trai-dutore...*, não é menos certo que quem escreve uma *storia* — é o nosso caso precisamente — “amputa-lhe”, sem querer, alguns dos seus elementos essenciais.

Em todas as *storias* guineenses — em que a flora não está esquecida — há como personagens Deus, o homem e sobretudo os animais, que ocupam o lugar dos homens, em geral, e dos guineenses, em ocorrência. A cada *storia* se pode aplicar o adágio latino “*Mutato nomine, de te fabula narratur*” (mudando o nome — da personagem — é de ti que se trata na fábula).

Os seres humanos misturam-se com os animais e vivem a mesma vida, no mesmo ambiente: o caçador tem pena do crocodilo; vemos a perdiz que se desloca para ir assistir a um festim organizado numa aldeia longínqua. Contraem-se alianças matrimoniais entre as mais belas raparigas da região e os animais: o camaleão casa com a filha do rei...

A lebre é, sem dúvida alguma, o animal que ocupa um lugar de relevo nas *storias* da Guiné.

É difícil dissociarmos sistematicamente, por um lado, o físico da lebre do seu carácter propriamente dito, e, por outro, esse mesmo carácter do seu papel na *storia*.

Se sublinharmos que ela tem orelhas compridas sempre a mexer-se, os olhos vivos, o nariz tremulante, não teremos nenhuma dificuldade em representar, com a sua cor, atitude e reflexos, o físico engraçado da lebre que é idêntico ao da lebre que anda pela natureza, que todos nós conhecemos. Quais são os meios por ela utilizados para triunfar? Qual o seu papel na *storia*?

Recorre a lebre aos seguintes meios para vencer: a astúcia, a mentira, o canto, a lisonja, etc. No caso presente, é justiceira: depois de ouvir a aventura do crocodilo e do caçador, pondera os prós e os contras, antes de castigar o primeiro, ingrato, e de recompensar o segundo, bom e humano. É de salientar aqui o tacto da lebre; pergunta previamente:

— A vossa casta come ou não come crocodilos?...

Isso para não vexar o caçador com a sentença que vai proferir sem apelo, pois castas há que não comem crocodilo.

— Salvaste-lhe a vida...

É o momento oportuno para apresentarmos, como conclusão, o narrador da *storia*.

Convidado pela assistência para contar *storia*, o narrador guineense, depois de se fazer rogar uns instantes — é da praxe —, pede a palavra e exige o silêncio total, que lhe é dado sem reticência.

Os contos crioulos começam sempre com estas palavras rituais: *Er, er*¹⁰, era uma vez. Isto é, o que vos vou contar é verdade, *aconteceu*; se quiserdes escutar-me, dizei-mo. Por essas palavras introdutivas, o narrador situa imediatamente “o conto no seu passado remoto, e quer fazer esquecer o presente e a realidade”¹¹.

— *Er sertu!*, responde logo a assistência. *Er sertu*: trata-se do passado, não há dúvida, mas é uma *storia certa*, verdadeira, sabemos-lo, por isso, tem toda a nossa confiança. Como quem diz: “tem a ...luz verde”.

Conseguida esta confiança total e incondicional da parte dos seus interlocutores — era precisamente o objectivo das palavras introdutivas — o narrador começa a *storia*, a que dá um cunho pessoal com comentários pertinentes para a *recriar*, *storia* essa que, a maior parte das vezes, é conhecida do auditório. Compete, pois, ao narrador motivar, pela sua maneira de contar, toda a assistência que reage imediatamente em sintonia com o próprio narrador, que utiliza todos os recursos do seu vocabulário, da sua voz e dos gestos para contar a *storia*, ao passo que o narrador moderno — o nosso caso — tem a tarefa mais delicada, pois só dispõe da palavra escrita, como instrumento para reproduzir o conto, acrescentando cá e lá um ponto, mas sem a certeza de uma assistência que o apoie.

¹ V. Propp, *Morphologie du conte*, Seuil, Paris, 1970, p. 125.

² Id. *Ibid.*, p. 117.

³ Respeito escrupuloso pela tradição oral: “*Ouvi da boca do meu pai, que ouviu da boca do seu pai...*”.

⁴ V. Propp, *op. cit.*, p. 96.

⁵ Id. *Ibid.*, p. 69.

⁶ Id. *Ibid.*, p. 73.

⁷ Id. *Ibid.*, p. 134.

⁸ P. Nda, “Le conte traditionnel africain”, in *Revue Recherche, Pédagogie et Culture*, Paris, 1960, p. 20.

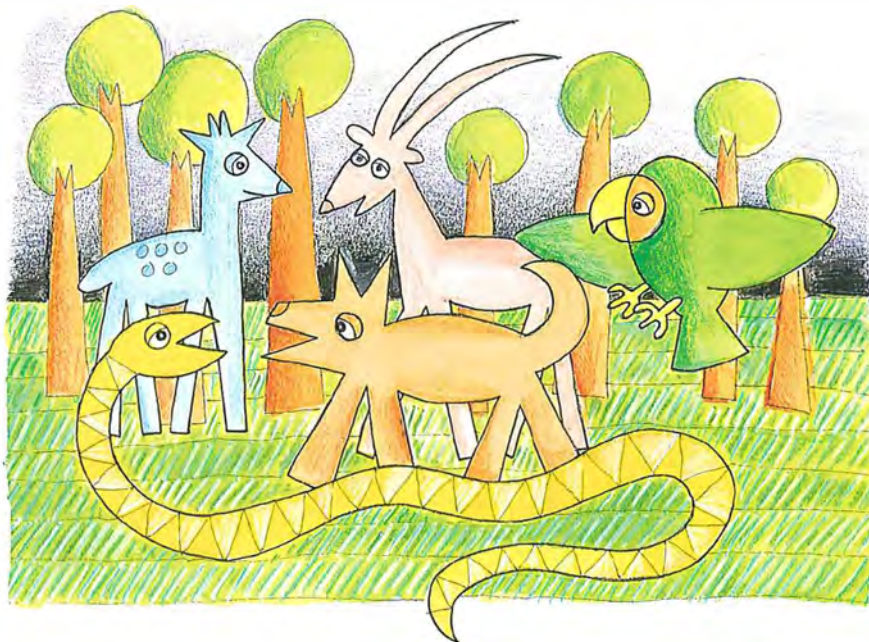
⁹ Id. *Ibid.*, p. 30.

¹⁰ Como se deduz facilmente, do português “era, era”.

¹¹ P. Nda, *op. cit.*, p. 19.

Os donos da língua

José Eduardo Agualusa



A estória que vos vou contar aconteceu no tempo em que os animais falavam, ou melhor, em que falavam todos o mesmo idioma. O Senhor Cão, o animal mais velho da floresta, era uma espécie de guardião do verbo. Na verdade via-se a si próprio como o legítimo proprietário da fala.

— A palavra foi criada pelos cães, os quais, por gentileza, a emprestaram aos outros animais — explicava aos filhos. — O vosso avô, o Velho Cão, andou por toda esta floresta, descobrindo e nomeando as coisas: rios, lagos, rochedos, montes e vales, árvores, ervas, flores, frutos, os pequenos insectos, nevoeiros, chuvas, o lodo e a lama. Enfim, tudo. O que nós, cães, não conhecemos, não existe; o que não tem nome, não existe. Assim, a existência da floresta deve-se a nós. Este é um Mundo Cão.

A Senhora Sucuri não gostava de ouvir aquele discurso. Era o animal maior da floresta, falava tão bem como o Senhor Cão, e, como ele, usava chapéu. *“A língua pertence a todos”,* dizia, *“da mesma forma que um rio constrói o seu caminho e depois é ele esse caminho, assim nós fazemos uma língua e a seguir ela nos refaz”.* A Senhora Palanca achava o mesmo, mas era mais dramática: *“A língua sou eu!”*; e o Senhor Papagaio repetia: *“A língua sou eu, a língua sou eu!”*. Tímida, a corça propunha uma outra formulação: *“A minha Pátria é a minha língua”*; e o Senhor Papagaio repetia: *“A minha Pátria é a minha língua, a minha Pátria é a minha língua”*.

Um dia o Senhor Cão foi passear para a zona mais remota da floresta, como costumava fazer, empurrado pelo desejo de descobrir coisas novas às quais pudesse dar nome (e existência). A luz era escassa, húmida e verde, naqueles deslimes. Uma lama espessa escondia o chão. As próprias árvores pareciam perigosas. Algumas tinham os troncos cobertos de picos, outras de resina ácida, flores de uma melancolia crepuscular devoravam tudo em seu redor.

Ali, meio imerso na lama, o Senhor Cão descobriu o esqueleto de um animal desconhecido. Aproximou-se para o estudar melhor, ansioso por lhe dar um nome, agregando-o dessa forma à

floresta, ao universo, à imensidão das coisas existentes, mas não lhe ocorreu nada. Ficou assim muito tempo, rondando aquela morte que lhe desorganizava o pensamento. *“Como te chamas?”*, perguntou, já desesperado, e então, para seu grande espanto, o esqueleto ergueu-se e respondeu: *“O meu nome? Nunca tive nome”*.

O Senhor Cão assustou-se:

— O nome é um resumo da alma — disse —, tudo o que existe ou existiu, ou até que se acredita que possa vir a existir, tem de ter um nome.

O esqueleto chocalhou os ossos, indiferente à perplexidade do outro:

— Eu nunca tive. Vivi e morri sem que ninguém me nomeasse.

Naquela tarde os outros animais viram o Senhor Cão regressar a casa de cabeça baixa. Achava-se um falhado. Descobrira algo de novo na Floresta e não fora capaz de lhe dar um nome. Adoeceu de desgosto. Alguns dias depois, preocupada, a Senhora Corça foi saber o que se passava e encontrou o Cão às portas da morte. *“Morro”,* disse-lhe este, *“sem ter cumprido o meu papel nesta Floresta”*. E morreu.

Durante uma semana os animais choraram, dançaram e beberam o morto, conforme a tradição, e depois lançaram o seu cadáver ao rio, e o rio arrastou-o até à zona mais remota da floresta. Anos depois, ou séculos, não importa, o cão foi parar junto às ossadas do animal desconhecido.

— Estou a conhecer-te — disse o esqueleto. — Tu és o cão. Aquele que se julgava o dono da língua. Mas morreste e a língua continua. Os outros animais servem-se dela, agora, como se fosse um perpétuo Domingo.

— Já alguém te deu um nome? — quis saber o cão — Só isso me interessa.

O outro riu-se:

— Sim — disse —, chamam-me Escuridão.

O Crocodilo fez-se Ilha

Luís Cardoso

*“Ali também Timor que o lenho manda
Sândalo salutífero e cheiroso”*

Camões

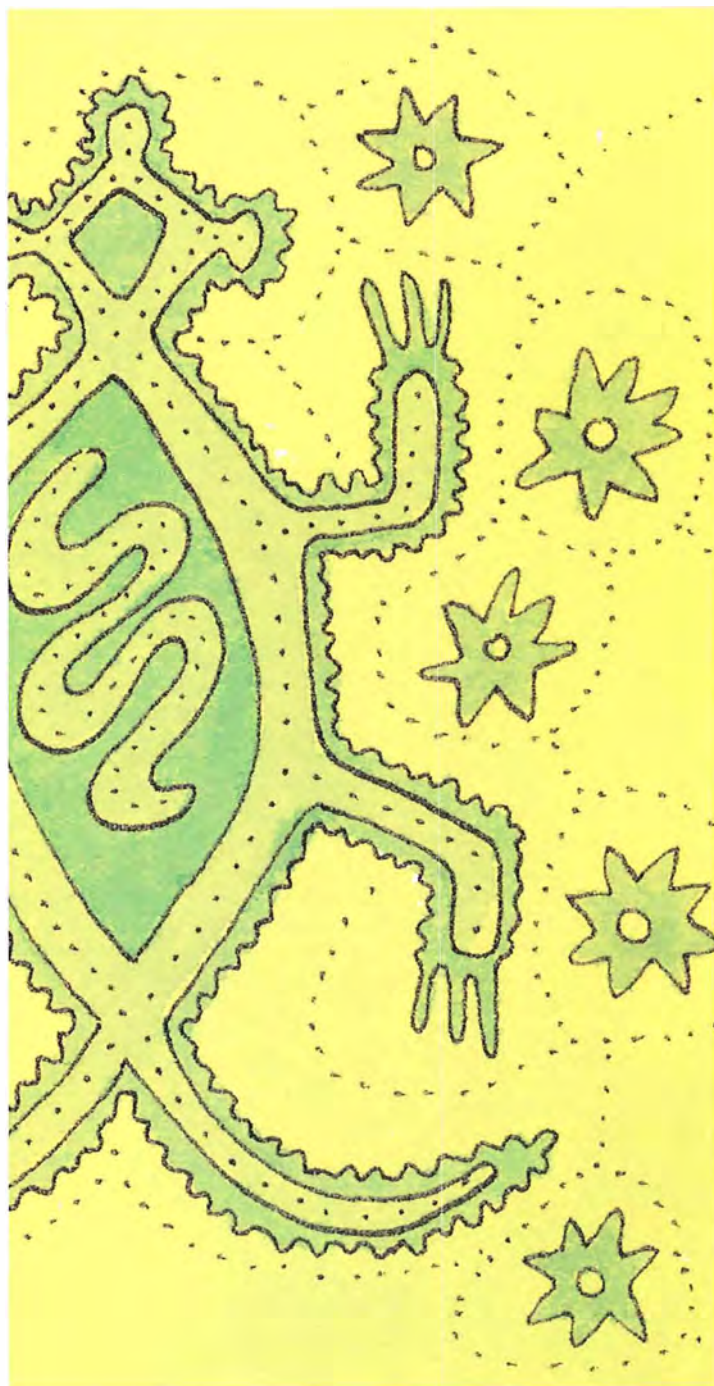
Nunca tinha chovido tanto de uma só vez naquelas paragens. Como se a monção viesse para nunca mais voltar. As águas subiram, inundaram a terra, aproximaram-se dos céus onde deixaram sementes de *caleic* (*Entada Scandens*) germinando trepadeiras, amarrando o mar e a terra ao infinito. Foi o tempo em que tudo se ligou. Uma bola completamente azul pendurada no firmamento rolando no tempo. Os seres misturavam-se e percorriam lugares outrora restritos apenas a alguns. A água fizera mais do que alguma vez os homens ousaram diluindo as fronteiras. Não havia classificação consoante os locais onde habitavam ou de acordo com os seres que digeriam. Eram todos iguais e celestiais, terrenos e marítimos.

Mas foi chuva de pouca dura. O caos e a desordem aproximavam os naturais dos sobrenaturais. A época das chuvas terminou sem ter dado antes um sinal do seu fim próximo. Repentinamente. O mar arrastou-se para os seus limites. Como uma esteira líquida que se dobra. O céu separou-se pelo sopro do vento em busca da extensão dos ares. Uma trepadeira unia a abóbada celestial ao umbigo da terra resistindo à separação do espaço único. Por ela trepavam os mortos e desciam os iluminados. Depois partiu-se com o peso dos mortos e pela fúria dos iluminados. Voltou tudo a ficar com as suas fronteiras definidas. O céu, o mar e a terra separados como antigamente.

Os crocodilos antes do dilúvio viviam no mar e nas extensões das águas que entravam pela terra dentro. Foram os que mais se aproximaram da divindade. No fim da estação das chuvas,

quando as águas começaram a recuar, todos os animais movidos pelo instinto de sobrevivência foram recuando para os seus anteriores nichos. Os pequenos crocodilos, movediços e irrequietos, sentindo que o mar recuava, foram deixando os locais onde tinham feito incursões em busca de alimentação mais condimentada que não fosse apenas peixes, barbatanas e espinhas. Mas aquele velho crocodilo que nunca se tinha aventurado para além das poças de água, onde esperava os incautos transeuntes, mostrava-se renitente em abandonar aquele recanto de terra onde corriam cabrito, porco, cão, veado, búfalo e homem. A prole bem tentou movê-lo dessa teimosia quase divina. Já não queria mais regressar para o seu meio aquático. Por mais que insistissem dizendo que em breve com a seca, morreria de calor e fome, tencionava ficar. Dizia ser a natureza o seu melhor aliado que com ele fora sempre benevolente. Mais do que os da sua espécie que se devoram a si mesmos. Com tal argumento convenceu-os a irem-se embora. Era a sabedoria acumulada ao longo do tempo. O clã entendeu tal atitude como sendo um sinal da sua senilidade e a resignação ao fim próximo. Há um momento único no tempo de cada um para decidir a forma mais conveniente e digna de se ausentar. Um grande sáurio arrasta-se no chão mas nunca no tempo. Os pequenos choraram antecipadamente lágrimas de crocodilo pelo fim do progenitor. Como não estava nenhum outro animal presente, eram genuínas as lágrimas choradas. Arrastaram-se para o mar e o velho crocodilo foi ficando cada vez mais distante e abandonado.

O sol incidiu raios a pique chicoteando a terra. O velho crocodilo sentiu a falta da água. Sufocava. Suava por toda a pele para refrescar o seu corpo. Perdera as forças nas patas e mal aguentava o seu tamanho quando pretendia arrastar-se. Os abanões da cauda nem davam para assustar as moscas zumbindo em seu redor. E por fim chegou a fome. Essa velha senhora que o aticava a atirar-se contra tudo o que se movia. E nada se movia à sua frente. Nunca passara por tão difícil provação. Chorou com pena própria culpabilizando-se por ter esse espírito rabugento e teimoso não lhe permitindo seguir recomendações dos mais novos considerando-os como sendo imaturos e de geração espontânea. Fez então a sua introspecção como forma de atenuar o seu sofrimento e ter um fim de um verdadeiro ancião réptil. Quando era líder gostava de pregar partidas aos seus correlegionários deixando-os nos caminhos por onde se cruzavam os caçadores de peles para enfeitar a vaidade humana. Em como depois mata-



va os mais fracos para treinar as suas potentes mandíbulas em exercício de terrificação e desta forma reivindicar um território onde só cabia o seu estatuto especial. Em como chorava a valer para chamar a atenção dos transeuntes, mostrando piedade pelas lágrimas julgando serem verdadeiras e ele depois os mataba a sangue-frio, às vezes a quente para saciar os seus apetites carnisais.

Viu então desenharem-se no horizonte nublado dos seus olhos, vultos de animais que se aproximavam atraídos pelo cheiro da morte de um velho tenebroso. Em rodopio de dança fúnebre e algazarra. Eram cabritos, faziam mé-mé e passavam ao lado. Eram macacos, saltitavam, mostravam os dentes e a língua e passavam ao lado. Eram veados, javalis e homens. Por mais que lamentasse a sua sorte e jurasse comendo areia quente, ninguém o socorreu.

Titi procurava pelos pais depois da descida das águas. Na sua inocência sem saber distinguir o falso do verdadeiro das lágrimas perguntou-lhe se precisava de ajuda.

— Leva-me até ao mar. Eu prometo levar-te aos teus pais! — rogou o crocodilo com voz de finada.

Triste com a sorte alheia mais do que a própria, aproximou-se. Vendo-o quase desfalecido pensou somente em salvá-lo. “A vida de quem quer que seja, deveria ser tido em conta para além dos seus actos” — pensou. Um pensamento grande de mais para as suas pequenas forças. Havia uma desproporção entre o peso do colosso moribundo e a potência dos seus inexistentes músculos dos braços. Os olhos do crocodilo já não choravam. Titi foi buscar as cordas da trepadeira e enrolou-as ao longo do corpo daquele que reencarnava o horror sobrenatural. Puxou, mas nem um passo adiante. Faltavam-lhe mais forças para arrastar o peso do quase morto. Foi pedir ajuda mas o silêncio dos vingadores apenas foi quebrado pela voz irritante do mandatado macaco:

— Que morra aquele que tanto mal fez!!!

Assustou-se com a resposta. Mas não desanimou. Lembrou-se daquele búfalo bravo que amansara para tomar conta dela. Um guardava a outra. Pediu-lhe para a ajudar a pôr um velho moribundo no mar. Quando chegaram ao local o búfalo franziu os olhos, levantou as sobrancelhas e deu uma cornada no ar soltando espumas brancas pela boca de raiva. Parecia o mar revolto.

— Não, tudo menos isso! Ele devorou metade da minha família e também os teus pais! — gritou irritado. E com tamanha indig-

nação que o seu corpo parecia multiplicar-se numa manada de búfalos prontos para a vingança.

Titi não teve outra alternativa senão voltar para junto do crocodilo e lamentar a sua morte. Preparava um canto fúnebre para consolar o espírito do moribundo quando uma luz lhe iluminou o pensamento. “Ninguém deve morrer fora do local onde nasceu. Por onde se nasce por onde se morre”. Foi ter com o seu guardador e argumentando dessa forma foi ajudada. O búfalo só deu pelo engano quando o crocodilo dentro da água começou a revitalizar as suas forças. Afinal a terra do crocodilo era a água e esta fazia-o renascer. O morto fez-se vivo. O búfalo estava magoado com a menina. Esta traíra a sua amizade. Depois condescendente deslizou a sua acusação para o instinto maternal. Dela e da água. Às vezes, a maternidade, na sua luxúria, gerava a bestialidade.

Foi-se embora. Voltou a ser bravo. A única condição que lhe garantia respeito e sobrevivência.

O crocodilo vendo a cena da amizade desfeita quis recompensar a sua salvadora pela perda de um amigo prometendo ser ele o verdadeiro. Dizia que a imagem que tinham dele não lhe garantia total proveito. Não era tão traiçoeiro como a fama das suas lágrimas.

— Pula para o meu dorso. Eu te levo a conhecer os mares — disse o crocodilo com voz paternal.

Levada pelo encanto de conhecer a profundidade dos oceanos e para fugir ao remorso por ter traído o seu amigo pulou para as placas do grande sáurio. Anotecera. E sem a vigilância dos olhos dos outros animais e a coberto da distância e da escuridão da noite que com ela trazia os instintos escondidos da natureza de cada um, tencionava comer aquela criança, salgada e temperada pelos ares do mar. A lei da natureza predominava sobre a moral. Está na natureza do crocodilo devorar a sua caça. Mas as forças dos seus músculos foram-se esgotando na jornada. Sentiu que o seu fim chegava. Não conseguiu mexer as patas nem mesmo a cauda. Encalhou no seu destino. Rendido à evidência da morte quis a grandiosidade. As suas patas alongaram-se e cravaram bem fundo nos corais. O corpo distendeu-se e as placas ganharam elevação surgindo florestas, colinas e ravinas, planaltos e planícies. Uma voz surgiu então do ventre do ainda crocodilo quase terra:

— Sou velho e vou morrer. Tu és linda. Serás mulher e cuidarás de mim e das florestas de árvores de sândalo. Brevemente chegarão príncipes. Uns em busca da tua beleza e outros do cheiro do sândalo salutar e cheiroso.

